

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO – DEC
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA – ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO

DAYANNA MARIA GOMES CAVALCANTE

EDUCAÇÃO DO CAMPO E EJA: O PERFIL DO ALUNADO NO CONTEXTO
ATUAL

JOÃO PESSOA - PB

2019

DAYANNA MARIA GOMES CAVALCANTE

EDUCAÇÃO DO CAMPO E EJA: o perfil do alunado no contexto atual

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia à banca examinadora no Curso Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo do Centro de Educação (CE), Campus I da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof^a Pós Dr^a Eunice Simões Lins

JOÃO PESSOA – PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376e Cavalcante, Dayanna Maria Gomes.

EDUCAÇÃO DO CAMPO E EJA: O perfil do alunado no contexto atual / Dayanna Maria Gomes Cavalcante. - João Pessoa, 2019.

36 f. : il.

Orientação: Eunice Simões Lins.

Monografia (Graduação) - UFPB/Ce.

1. Aluno, Educação do Campo, EJA. I. Lins, Eunice Simões. II. Título.

UFPB/BC

DAYANNA MARIA GOMES CAVALCANTE

EDUCAÇÃO DO CAMPO E EJA: O Perfil do alunado no contexto atual

Trabalho de Conclusão de Curso submetido a Pedagogia – Área de Aprofundamento em Educação do Campo da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de LICENCIADO EM PEDAGOGIA.

Assinatura do autor: Dayanna Maria Gomes Cavalcante

APROVADO POR:

Eunice Simões Lins

Orientador: Prof^a Dr^a Eunice Simões Lins

Francisca Alexandre de Lima

Prof.^a Dr^a Francisca Alexandre de Lima

Ricardo de Carvalho Costa

Prof^o Ricardo de Carvalho Costa

“Este trabalho é dedicado as minhas amigas, Maria Cristina e Ana Paula, que estiveram ao meu lado durante esta longa caminhada. Dedico aos meus pais, com quem compartilhei momentos de alegria, tristeza e ansiedade. Ao meu noivo Deyvyd de Sousa, por toda paciência, compreensão, carinho e amor”.

AGRADECIMENTOS

A Deus, todo poderoso, agradeço pela força e proteção de sempre.

Agradeço à Universidade Federal da Paraíba que guiou meus caminhos e me deu um rumo na vida. Aos seus professores que me formaram não só para a atividade profissional, mas também para a vida.

A minha professora orientadora Eunice Simões Lins que foi muito importante no processo de desenvolvimento deste trabalho. Obrigado por toda dedicação e paciência.

Agradeço à minha família, que quase não tenho palavras para descrever sua importância em minha vida. Aos meus Pais e irmãos, eu nunca teria conseguido sem o apoio de vocês. Obrigado por tudo, de coração.

Por último quero lembrar aqueles que fizeram parte indiretamente da minha caminhada, meus amigos que sempre me incentivaram a correr atrás dos meus sonhos.

Agradeço muito à cada um de vocês!

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre.”

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo geral analisar o perfil dos alunos da educação de jovens e adultos (EJA) na educação do campo. A educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que visa atender aqueles que não tiveram oportunidade de estudar na idade adequada ou para aqueles que por algum motivo abandonaram os estudos. O perfil dos alunos na educação do campo é diferenciado dos que são matriculados na zona urbana, apresentando uma faixa etária mais elevada. Neste contexto, observamos neste trabalho quem são os alunos da educação de jovens e adultos da escola da Municipal de Ensino Fundamental Antônio César de Carvalho situada na zona rural no estado da Paraíba, buscamos compreender o que almejam no retorna a sala de aula. Para a realização desse trabalho, foi executado primeiramente um levantamento dos alunos matriculados. Em seguida um questionário com os discentes da escola das duas turmas (EJA ciclo I e ciclo II). Através dos formulários de matrículas, fizemos um levantamento da faixa etária e sexo dos alunos. Utilizado como referencial teórico: Práticas de Educação do Campo no Brasil de Chaves e Foschiera (2014), A função social da Escola na educação do campo de Coelho (2011) entre outros. Pelas observações realizadas, percebe-se que os alunos da educação de jovens e adultos na escola do campo tem como foco o domínio da leitura e escrita, para melhorar sua qualidade de vida, podendo assim resolver situações simples do cotidiano com mais independência. Diante do exposto, espero que este trabalho colabore para que os sujeitos inserido nesta modalidade de ensino compreendam mais sobre sua necessidade e trabalhe da maneira que atenda os interesses dos educandos.

Palavras chave: Alunos. Educação de Jovens e Adultos (EJA). Educação do Campo.

ABSTRACT

This work aims to present the profile of students of youth and adult education (EJA) in rural education. Youth and Adult Education (EJA) is a teaching modality that aims to serve those who did not have the opportunity to study at the appropriate age or for those who for some reason dropped out. The profile of the students in the field education is different from those enrolled in the urban zone, presenting a more adult age group. In this context, we observe in this study who are the students of youth and adult education of the Municipal School of Primary Education Antônio César de Carvalho located in the rural area in the state of Paraíba, we seek to understand what they aim at returns the classroom. To make the observation, I did a survey of the students enrolled in the EJA cycle I of the night shift, after that I talked / interviewed the students informally. It was used as theoretical reference: Field Education Practices in Brazil Chaves and Foschiera (2014), The social function of the School in the education of the field of Coelho (2011) among others. From the observations made, realize that the students of youth and adult education in the rural school focuses on reading and writing, to improve their quality of life, so they can solve simple everyday situations with more independence. In view of the above, I hope that this work contributes so that the subjects inserted in this modality of teaching understand more about their need and work in the way that attends the interests of the learners.

Keywords: Students. Youth and Adult Education (EJA). Field Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	13
3 CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA	24
4 O PERFIL DA ESCOLA.....	27
5 PERFIL DO ALUNADO DA EJA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTÔNIO CÉSAR DE CARVALHO	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

INTRODUÇÃO

O interesse pela temática “Educação do Campo e EJA: o perfil do alunado no contexto atual”, veio no decorrer da minha formação acadêmica no curso de Pedagogia com Área de Aprofundamento em Educação do Campo, no qual pude visitar de maneira informal e conhecer algumas escolas com Educação de Jovens e Adultos (EJA) no campo.

Enquanto aluna do curso de Educação do Campo tive o privilégio da experiência de Estágio no Ensino Fundamental I (Educação de Jovens e adultos - EJA Ciclo I). Fui orientada em sala pela professora formada em Pedagogia, com mestrado sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA e atuante na área há mais de 20 anos.

A experiência do estágio me proporcionou uma chance de verificar como se constrói um espaço de produção de conhecimento sobre a prática pedagógica desenvolvida no cotidiano escolar, sobretudo na Educação de Jovens e Adultos - EJA, através de um processo criador e inovador de análise e de reflexão, aproximando-nos da realidade escolar, afim de compreender melhor os desafios que irá enfrentar no momento da prática docente, de forma crítica e conscientes.

Com essa experiência obtida, me senti mais preparada para o papel do professor em sala de aula, hoje sei o que na realidade significa ser professor. Saber como explicar determinado conteúdo ao aluno nessa fase de ensino. Conforme Freire, apud Weiduschat (2007, p. 51): “O ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende ao ensinar, algo que é reaprendido por estar sendo ensinado”. Assim, o estágio tem como objetivo introduzir o educando junto à prática para complementação de sua formação acadêmica fazendo com que o estudante se prepare para a vida profissional e entenda ao mesmo tempo como se processa o elo “teoria e prática”, ensinar e aprender.

As primeiras formas de alcançar melhores condições de trabalho e ampliar conhecimento é que faz com que muitos jovens e adultos que não se alfabetizaram na infância ingressem em uma turma de EJA oferecida pelas escolas ou por grupos comunitários que desenvolvem projetos de alfabetização, ser alfabetizado nestas fases da vida depende de muita motivação e força de vontade, não basta apenas querer, a alfabetização de jovens e adultos ocorre de maneira intencional e consciente.

Corroborando com essa ideia Pinto (2007) relata que diante da necessidade de estar inserido na sociedade e com todo avanço tecnológico, muitos desses estudantes buscam

recuperar a fase que não pode estudar no período regular com sua faixa etária, e formar sua identidade (PINTO, 2007, p. 92). Com base nesta concepção, o nosso trabalho de conclusão de curso tem a proposta de ressaltar a importância da educação no campo voltada para os alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA ressaltando o novo perfil do alunado.

Partimos do pressuposto de que o aluno da Educação de Jovens e Adultos – EJA no campo necessita de uma escola que busque explorar o interesse que cada indivíduo tem, fazendo e desenvolvendo sua potencialidade e capacidade de aprender.

Vale ressaltar que a educação de Jovens e Adultos - EJA, exibe sua história muito mais preocupante do que a história da educação básica. Nela se passam interesses menos consensuais do que na educação da infância e adolescência, principalmente quando esses jovens, adultos e idosos são trabalhadores, subempregados, oprimidos, excluídos.

Já a Educação no Campo nasce a partir de uma grande caminhada e “lutas” dos trabalhadores rurais e do Movimento Sem Terra – MST, envolvendo vários órgãos do governo federal e das Nações Unidas UNICEF e UNESCO, que buscam envolvimento entre vários parceiros para buscarem soluções concretas para garantir a educação para esses trabalhadores do Campo.

A Educação do Campo até a década de 90 foi deixada em segundo plano, já que nessa época a escola do campo era bastante deficiente no que se ensinavam, tendo o mínimo de olhares dos órgãos responsáveis, o seu ensino era precário em comparação as escolas da zona urbana.

A escola do campo não pode ser pensada como uma escola urbana ela deve esta ser interligada a outra e com esses pensamentos atuais, foi que na década de 90 com as políticas educacionais surgiram os primeiros documentos. Onde esses trazia as normativas, como funcionar, como deveria ser as escolas do campo, eram mais pensadas na adaptação temáticas, nas culturas e adversidades das pessoas do campo. Elas devem ser repassadas para eles conforme suas necessidades.

Vale ressaltar que ainda há bastante necessidade de um investimento para a Educação do Campo. Com falta de políticas educacionais voltada para essa finalidade, caracteriza a desvalorização do homem rural/campo, estipula uma vida limitada aos seus filhos, ou seja, ainda perdura inúmeras dificuldades para a Educação do Campo.

Diante disto, esse trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral de analisar o perfil do alunado da EJA no contexto atual da Educação no campo da Escola Municipal Antônio César de Carvalho, localizada no sítio Aurora, em Pedras de Fogo – PB. Buscando compreender quem são esses alunos que frequentam esta modalidade de ensino e o que desejam

no retorno ao estudo. Como metodologia desde trabalho, realizamos um levantamento dos alunos matriculados na modalidade. Através das fichas de matrículas, foi realizado levantamento dos alunos matriculados, faixa etária dos alunos e gênero . Para a entrevista participativa, foram elaboradas 3 questões que conduziram a investigação sobre quem são esses alunos da EJA no campo e quais os seus objetivos ao frequentarem esta modalidade de ensino.

Foram as seguintes perguntas:

- 1) Já estudou antes? Até qual série?
- 2) Por qual o motivo que parou?
- 3) Por que retornou? E o que almejam?

Optamos pela entrevista, porque a maioria dos alunos apresenta muitas dificuldades em relação à leitura e escrita.

No sentido de buscar melhor compreender nosso objeto de estudo também buscamos autores que tratam do tema Educação do Campo e EJA – Educação de Jovens e Adultos a fim de entender o processo e prática. Assim, afim de fundamentar esse estudo e pesquisa em relação a essa temática, utilizamos como referencial teórico: Práticas de Educação do Campo no Brasil de Chaves e Foschiera (2014), A função social da Escola na Educação do Campo de Coelho (2011) entre outros.

A estrutura desse trabalho foi estabelecida da seguinte forma: a introdução, em que desenvolvemos a problemática e os objetivos do estudo, bem como nos delineamos sobre alguns teóricos mencionados no decorrer da pesquisa, o segundo capítulo, no qual iremos explicitar sobre a educação do campo, , e como os movimentos da educação do campo defendem a escola do campo, e como os movimentos da educação do campo defendem a escola do campo, desenvolvendo a partir das obras dos autores definições sobre o tema, o terceiro capítulo trata sobre a educação de jovens e adultos - EJA refletindo sobre a modalidade. O quarto e quinto capítulo se refere o perfil da escola e do alunado do seu contexto atual e à análise dos dados da pesquisa desenvolvida.

2 A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Neste capítulo descreveremos sobre Educação e Escola do Campo e a Escola Rural que prevalece na realidade do campo. Além de também observar a escola do campo na perspectiva dos movimentos sociais e papel da escola na formação da identidade do aluno do campo.

No enorme processo de formação da Educação Básica de nosso país, suas características demonstram uma realidade historicamente, marcada por exclusão e desigualdade, que por sua vez não permitiu aos trabalhadores do campo o acesso à educação escolar, e portanto negando o seu direito à educação. Infelizmente, isso não é diferente nos dias atuais, particularmente, para a população do campo.

Segundo Jesus e Santos (2016), o processo de desenvolvimento da escolarização das populações do campo não se exibiu de forma satisfatória uma vez que só foi cedida bastante tarde e ainda, não corresponde às suas necessidades, tem uma baixa qualidade, e uma educação precária em decorrência de inúmeras questões de ordem administrativa e pedagógica. Diante de não atender as demandas da realidade do homem do campo, pelo contrário, corresponde ao interesse de uma classe dominante, como prática de manter seus *status* sociais.

A Educação do Campo é diferente da Rural. Elas se apresentam de maneiras opostas e atendem a diversos interesses. A educação rural está voltada para atender a uma teoria que refere aos interesses de uma classe que tenha maior poder aquisitivo, em que não identifica o sujeito como principal fonte de conhecimento. O que diferencia da Educação do Campo, que não só reconhece o lugar de origem dos sujeitos, como utiliza seus saberes em relação de trocas durante a aprendizagem.

De acordo com Camacho (2011) e Ribeiro (2013), a Educação Rural é uma educação domesticadora, neoliberal e urbanizada, comprometida com a reprodução do processo de manutenção da ordem estabelecida, de desterritorialização do campesinato e da subordinação do mesmo ao capital. Está modalidade favorece ao agronegócio, buscando estabelecer a cultura urbana no meio rural. A mesma foi proposta pelas elites agrárias como forma de superação da cultura camponesa, exaltando o modo de vida urbano e desvalorizando a vida no campo.

A concepção de escola do campo se insere também na perspectiva gramsciana Escola Unitária, no sentido de desenvolver estratégias epistemológicas e pedagógicas que materializem o projeto marxiano da formação humanista

omnilateral, com sua base unitária integradora entre trabalho, ciência e cultura, tendo em vista a formação dos intelectuais da classe trabalhadora. (CALDART, 2018, p. 1)

Caldart (2018) traz a definição que a Escola do Campo, contrariando e refutando a Educação Rural, que reproduz uma educação bancária, diferentemente da Escola do Campo, que reconhece o lugar e o sujeito como fundamentais nesse processo educacional. Trata-se de uma educação humanista, baseada na relação da educação com trabalho, ciência e cultura, e cuja finalidade, a emancipação dos indivíduos que dela participam e também, como fonte de aprendizado e troca de conhecimento.

Ainda nessa questão, Educação Rural é direcionada para outras finalidades, como sendo uma educação resumida que se expressa apenas pelos princípios básicos que exalta a vida do povo do campo. Há uma realidade contraditória em relação à Educação do Campo, com fins diferentes, anulando a realidade dos sujeitos envolvidos, suas características e inferiorizando seus saberes culturais, assim, exigindo conhecimentos provenientes do meio urbano.

Esse modelo de educação atende ao modelo neoliberal de educação, marginalizando à Educação do Campo e dando força à cultura urbana e conseqüentemente, anulando a identidade rural. Para afirmar essa ideia, Manfio e Pacheco (2006, p. 35) diz:

A Educação Rural, na maioria das vezes, contempla currículos urbanos, ficando aquém da realidade dos alunos rurais. Assim, as pessoas desse meio acabam carentes de conhecimentos e habilidades que lhes proporcionariam maior eficiência no trabalho, agilidade na resolução de problemas cotidianos. Isso acontece pela falta de preparo e formação dos professores que trabalham nas escolas do meio rural. Eles têm conhecimento voltado aos conteúdos que são contemplados no currículo, ou no livro didático, no entanto, da vida prática, do cotidiano dos alunos, pouco sabem (MANFIO E PACHECO, 2006).

Desse modo, percebe-se que o modelo de Educação Rural não contempla a realidade do homem do campo. Sua proposta curricular atende aos objetivos e finalidades de um currículo urbano, introduzindo seus costumes, valores e saberes, voltados para o interesse do mercado. Esse seu modelo fere e anula a realidade do homem do campo, bem como, seu contexto, experiências e cultura. Ainda nessa discussão, em sua maioria, os professores não são preparados para a efetivação da Educação do Campo, ao contrário, atende aos interesses da Educação Rural. Além disso, seus conteúdos, objetivos e metodologias poucos apontam para uma Educação do Campo.

Desmentindo essa visão, Caldart (2018) diz que a Educação do Campo contribui fundamentalmente para o processo de transformação do homem na sociedade. Diferente da Educação Rural que reproduz o que pede o sistema capitalismo e seus mecanismos de aprisionamento e anulação do homem e de sua realidade. Outro fator importante é a relação do homem com a sociedade, ou seja, um projeto político que reconhece as pessoas de forma coletiva. As pessoas não estão fora de sua realidade nem tão pouco fora de uma sociedade.

Nesse segmento, Saviani (2009) *apud* Jesus e Santos (2016, p. 33), vai dizer que:

Nesta perspectiva, compreende-se que é papel da escola revelar ao aluno o que a experiência da vida cotidiana oculta, sendo que cabe à comunidade escola possibilitar ao aluno o avanço no conhecimento, bem como fomentar a reflexão crítica em torno das mais diversas questões que se relacionam com a realidade concreta, e não somente com o cotidiano imediato do alunado (SAVIANI, 2009, *apud* JESUS E SANTOS, 2016).

Desse modo é possível perceber, que esse papel social é cumprido pela Educação do Campo e não pela Educação Rural. Pela Educação do Campo, o homem é capaz de compreender sua realidade, bem como refletir sobre ela, se relacionando de maneira real com o conhecimento e com sua realidade. Pois o verdadeiro sentido da educação é gerar no indivíduo a compreensão sobre o mundo e as pessoas, assim como seu relacionamento concreta com eles.

Por isso, é fundamental o papel do professor para a efetivação desse modelo de educação. O trabalho do professor em sua prática pedagógica é relevante e fundamental para a efetivação de uma educação a favor dos interesses dessa classe trabalhadora e não, aos interesses do capitalismo. E a melhor maneira, relativamente, consiste na organização do trabalho pedagógico, desenvolvendo atividades educativas que projetam essas pessoas para a valorização de suas práticas rurais e convivência social na vida rural.

A Educação do Campo foi defendida mediante as lutas dos movimentos sociais e outras entidades, discutindo a respeito de uma educação que consolidasse o ensino e aprendizado no reconhecimento do lugar de origem dos alunos. A princípio, a diferenciação entre Educação Rural e Educação do Campo fica estabelecida e seus objetivos, finalidades, interesses divergem. Elas não atendem os mesmos fins e ainda estão organizadas em seus currículos, de maneira que elas divergem de interesses.

A Educação do Campo é alicerçada no Movimento Camponês, na perspectiva da construção de uma educação humana e emancipatória, articulada à vida, ao trabalho, à cultura, e aos saberes das práticas sociais dos camponeses. Ela promove a formação integral do

indivíduo, de forma que valorize o local e as vivências ali desenvolvidas, considerando seus saberes como conhecimento adquirido historicamente (CHAVES E FOSCHIEIRA, 2014, p 74).

No entanto para entender o que é Educação do/no Campo diante das perspectivas e práticas educativas, é necessário compreender que há uma luta de classe que defende e reconhece o lugar dos sujeitos envolvidos. Ela valoriza o espaço escolar e garante o acesso a uma educação para a permanência do povo do campo no campo. Há uma grande necessidade de política pública, voltada para povo do campo, levando em consideração as experiências e os princípios dessas pessoas que nele reside e também pensar na organização de uma política educacional preservando sua identidade e resgatando os valores culturais, incluindo os saberes rurais e as tradições desses lugares, estabelecidos nos conteúdos ensinados em sala de aula.

A defesa da Educação do Campo foi realizada através de muitas lutas pelos movimentos e articulações ligadas a projetos educativos em que há uma relação com as características da vida rural. Isto vem se desenvolvendo desde 1930, no contexto de debates e com a universalização da escola pública. De fato, algumas mudanças aconteceram, inclusive, o homem do campo da contemporaneidade não é o mesmo de décadas passadas.

Historicamente, inúmeras são as mudanças que esse modelo de educação sofreu para ser definida e reproduzida no processo educacional em nosso país. Muitas foram as lutas e discussões para sua consolidação. Havia movimentos sociais que lutavam em defesa da Educação do Campo e de seus ideais para o homem do campo. Assim, as lutas dos movimentos sociais fortaleceram os princípios da Educação do/no Campo.

Conforme Coelho (2011), em 1998, aconteceu a I Conferência Nacional para Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia (GO) cujo fim foi discutir a definição de princípios, fundamentos e práticas desenvolvidas para consolidar a Educação do Campo, reconhecendo sobretudo, a identidade e o lugar do homem camponês. Esse encontro teve como propósito defender os direitos dos povos do campo em relação às políticas públicas de educação, respeitando as especificidades, em contraposição à Educação Rural, além da criação de políticas compensatória para uma Educação do Campo de qualidade.

Essa conferência teve parceria com o MST – Movimentos dos Sem Terra, UnB – Universidade de Brasília, UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNESCO – Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura e também com CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

A Conferência foi considerada um marco para o reconhecimento do campo enquanto espaço de vida e de sujeitos que reivindicam sua autonomia e emancipação. Nela foram debatidas as condições de escolarização face aos problemas de acesso, permanência dos alunos,

a qualidade do ensino, as condições de trabalho e a formação dos docentes, além dos modelos pedagógicos de resistência que se destacam enquanto experiências inovadoras no meio rural (BEREMBLUM e OLIVEIRA, 2011).

A socialização desses modelos sinalizava a construção de uma proposta de Educação do Campo. Ela foi construída num espaço de luta de Movimentos Sociais, traduzindo assim a “concepção político-pedagógica” e o acesso à educação permanente como direito à escola pública de qualidade no campo. Pois todas as crianças e jovens têm direito a estudar no lugar onde vivem, independente quem seja, (agricultores, extrativistas, ribeirinhos, caiçaras, quilombolas, pescadores, seringueiros). (CNE/CEB/2002). E assim, esses direitos sobre a Educação do Campo foram definidos em documentos e diretrizes operacionais para Educação Básica nas escolas do campo. Assim, nessas diretrizes, a identidade das escolas do campo foi definida e preestabelecida em sua estrutura e funcionamento.

Ainda tardio e limitado, o governo com suas políticas compensatórias trouxe para a Educação Campo apenas resoluções emergenciais, para sanar as carências do momento em que se estavam vivendo, nada, além disso, foi feito, deixando de considerar a localização geográfica em que estavam situados os conhecimentos prévios que já continham e acima de tudo não levaram em consideração a cultura e as tradições, que é um marco de todo e qualquer povo.

Nesse sentido, Rocha (2004, p.1) apresenta alguns problemas que ainda persistem no processo educação da Educação do Campo:

[...] em relação aos elementos humanos disponíveis para o trabalho pedagógico, a infraestrutura e os espaços físicos inadequados, as escolas mal distribuídas geograficamente, a falta de condições de trabalho, salários defasados, ausência de formação inicial e continuada inadequada ao exercício docente no campo e uma organização curricular descontextualizada da vida dos povos do campo (ROCHA, 2004, p. 1).

Embora houvesse uma educação que contempla algo sobre o homem do campo, fica evidente que o governo não tinha políticas educacionais e ainda mais, os profissionais da educação não estavam preparados para essa demanda. O que tinham era uma organização que não contemplava a realidade das pessoas do campo nem tão pouco, sua identidade. De modo geral, havia um descaso com os professores, o currículo escolar fora da realidade dessa modalidade, salários baixos e condições de trabalho inadequadas.

Outro aspecto de tamanha relevância para a formação e desenvolvimento da Educação do Campo aconteceu em 16 de abril de 1998, por meio da Portaria nº. 10/98, que cria o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA, vinculado ao gabinete do

Ministério Extraordinário da Política Fundiária. Esse Programa, em 2001, passa a fazer parte do INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, no MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário. Considerando a diversidade de atores sociais envolvidos no processo de luta pela terra no país, o PRONERA é uma expressão do compromisso firmado com o Governo Federal, com as instituições de ensino, os movimentos sociais, os sindicatos dos trabalhadores e trabalhadoras rurais, governos estaduais e municipais. (BRASIL, 2004)

Silva (2010) *apud* Santos (2014, p. 08):

O PRONERA é fruto da incansável luta dos movimentos sociais do campo que desponta no país com a missão de ampliar os níveis de escolarização formal dos trabalhadores rurais assentados e fortalecer o mundo rural como território da vida coletiva e suas dimensões econômicas, sociais, ambientais, culturais e éticas, além de executar políticas de educação em todos os níveis da Reforma Agrária (SILVA, 2010, *apud* SANTOS, 2014).

Assim, fica evidente o papel social da Educação do Campo. Seu objetivo é reconhecer a lugar social dos trabalhadores rurais, valorizando todos os aspectos dos quais determinam e estabelecem a vida do homem no campo. Sua missão é possibilitar a essas pessoas, uma educação de qualidade que fortalece suas experiências, vivências, cultura e vida no campo. Pois dessa maneira, a educação não só é fonte do saber, como também é elo entre o conhecimento, a prática e a valorização da identidade local dos indivíduos.

Coelho (2011) descreve que em 2002 foi aprovada a Resolução CNE/CEB Nº. 01, de 03 de abril que instituiu nas Diretrizes Operacionais da Educação do Campo, consolidando um importante marco para a história da educação brasileira e, em especial, para a Educação do Campo. Todavia, a lentidão fez com que as políticas de direito dessa modalidade não alcançassem proporções significativas e se efetivassem concretamente nas escolas do campo de toda a sociedade brasileira.

Ainda nesse contexto, em 2004, foi criada a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – SECAD no âmbito do Ministério da Educação. Nessa secretaria foi criada a Coordenação Geral da Educação do Campo, que tinha um viés para a realidade do campo e suas necessidades e realidades. Este fato significou sua inclusão ainda mais em estruturas federais, especialmente, pelo atendimento das demandas do campo, a partir do reconhecimento de suas singularidades. Essa representatividade se deu através de programas, projetos e ações de atendimento escolar idealizado pela SECADI.

Vejam alguns exemplos de programas criado pela Ministério da Educação:

1. O Programa de Apoio à Formação Superior: Licenciatura em Educação do Campo – Procampo;
2. O ProJovem Campo – Saberes da Terra oferece qualificação profissional e escolarização aos jovens agricultores.

Todos estes programas chamam a atenção para os desafios que perpassam as políticas de financiamento, a formação de educadores e a produção de materiais didáticos. Essas questões são extremamente necessárias no processo de construção da Educação do Campo, tornando essa modalidade de educação uma realidade, mesmo com tantos desafios, cuja finalidade é pensar sobre a prática educacional da classe trabalhadora do campo e, sobretudo, orientar e projetar outras práticas e políticas de educação.

Coelho (2011) ainda relata que em junho de 2004 foi realizada a II Conferência Nacional do Campo, organizada por movimentos de trabalhadores que passaram a participar das articulações nacional da Educação do Campo. Sua finalidade garantia ao povo do campo uma educação específica para todas as crianças, adolescentes e o adulto em suas especificidades e que o Estado deveria garanti-la com qualidade e acesso a todos do campo.

É mediante as lutas dos movimentos sociais que esse modelo de educação ganha força e passa ser implantada no país. Pois trata de garantir uma Educação do Campo digna e de qualidade, bem como, metodologias que atendam a realidade do povo do campo.

Sem perder seus valores, culturas e tradições, a Educação do Campo compõe a diversidade e características desse povo, que vive e trabalha no campo, seja ele indígena, caiçara, ribeirinhos, extrativista, pescadores, quilombolas e assentados, essa educação deve promovê-los para a valorização e solidificação de suas vivências e conhecimentos, além de possibilitá-los a desenvolver o conhecimento, relacionando a sua vida e contribuindo para a formação de sua identidade.

Para Coelho (2011, p. 137) deve ser uma: “educação que efetivamente desenvolva a promoção humana, de forma emancipatória e libertadora, que define o ponto de partida da prática pedagógica o homem em sua complexidade histórico-cultural, com suas contradições, ambiguidade e possibilidades”. Essa educação é libertadora e emancipadora, pois trata de apresentar os aspectos sociohistóricos e políticos da vida no campo.

Nesse contexto, ainda é possível notar que algumas práticas tentavam transformar a vida do homem do campo. Seu risco era anular a identidade do homem do campo. Nesse período, vários são os movimentos sociais que empreendia um luta de classe em defesa do homem do campo e seu modo de vida. Esses movimentos contribuíram, efetivamente, para que a escola assumisse melhor seu papel social. Segundo Coelho (2011) *apud* Batista (2006):

A concepção de educação no sentido amplo de processo de construção da humanidade do ser humano e do planeta, que constrói referenciais culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade visando uma humanidade mais plena e feliz (COELHO, 2011, *apud* BATISTA, 2006).

Essa sua definição direciona a educação no sentido amplo, a pensar em seu papel social, assim como, de modo restrito, a Educação do Campo na construção e legitimação de sua identidade para a efetiva educação de qualidade, reconhecendo a identidade do homem do campo, suas crenças, valores, conhecimento prévio e empírico, enfim, todas suas vivências, cujo fim é bem social desse mesmo homem em sua comunidade.

Ainda como ação emancipadora do homem do campo desenvolvida pela Educação do Campo, o papel social da escola deve estar baseada segundo Coelho (2011) *apud* Batista (2006) na:

Necessidade de se implantar e difundir uma outra lógica de desenvolvimento apoiada em alternativas ambientalmente sustentáveis, socialmente e economicamente justas, centradas no desenvolvimento dos homens e mulheres, no desenvolvimento social e humano dos sujeitos do campo (COELHO, 2011, *apud* BATISTA, 2006).

É sentido que a Educação do Campo se afirma e define-se. Ela tem por base o desenvolvimento do homem do campo e de seu meio, reconhecendo o valor de suas características e condições de produções. A Educação do Campo encontra-se baseada no currículo que contemple e valorize o homem do campo no próprio campo, ou seja, uma educação que não anula a identidade e lugar dos sujeitos da educação.

A realidade escolar da Educação do Campo contempla a importância de reconhecer e valorizar o campo como fonte de conhecimento e aprendizado. Como diz Chaves e Foschiera (2014, p. 74):

A Educação do Campo é alicerçada no Movimento Camponês, na perspectiva da construção de uma educação humana e emancipatória, articulada à vida, ao trabalho, à cultura, e aos saberes das práticas sociais dos camponeses. Ela promove a formação integral do indivíduo, de forma que valorize o local e as vivências ali desenvolvidas, considerando seus saberes como conhecimento adquirido historicamente (CHAVES E FOSCHIERA, 2014, p. 74).

A compreensão da Educação do Campo encontra-se, sobretudo, na valorização do campo como fonte de conhecimento e aprendizado. Suas variantes manifestam-se na vida do

trabalho, da cultura, convivência e saberes popular dos homens que nele vive e dele sobrevive, que historicamente foi sendo formados e repassado de geração a geração. Por isso, a Educação do Campo tem seu alicerce na concepção do campo como fonte para a formação de sua identidade, bem como da identidade do homem.

É essencial para a formação do homem do campo uma escola ativa e eficaz, em que possa permitir o desenvolvimento do aluno, o reconhecimento e a autonomia do povo do campo como marca de sua identidade.

A educação escolar para o homem do campo não pode desaparecer nem deixar de reconhecer a realidade desse homem como referencial para a formação de sua identidade. Essa realidade da escola deve estar ligada à realidade da comunidade assim como, à dos seus alunos.

Definidos por diversos fatores, a Escola do Campo tem suas peculiaridades, assumindo um papel diferente da escola urbana. A presença de um currículo escolar diferente é fundamental para sua efetivação enquanto escola que reconhece o sujeito do campo e suas realidades como essenciais no processo de formação de sua identidade, bem como no processo de escolarização.

Historicamente a educação escolar sofreu vários descasos em toda sua formação, desde a sua colonização. É no século XX que a educação ganha mais expressividade com vários acontecimentos sociais e políticos, particularmente com a força dos movimentos sociais na luta pela educação de qualidade e gratuita. Nesse mesmo contexto, a pedagogia torna-se mais expressiva e conseqüentemente, ganha mais espaço na educação.

Inicialmente a Educação do Campo, atendeu às necessidades do capital, reforçando a ideia que o papel social da Educação estava ligado às demandas de uma sociedade capitalista. Ao mesmo tempo, que atendia a necessidade do capitalismo, a Educação do Campo ganha seu espaço e se afirmava ainda mais. É nesse contexto, que a escola começa repensar o papel social do homem do campo, como também a escola passa assumir um caráter social de orientar os alunos para o reconhecimento e valor de sua comunidade para o seu desenvolvimento.

Tudo isto era desenvolvido através de práticas pedagógicas que compreendia o sujeito social como protagonista de transformação social e política. Essas práticas educativas norteavam o fazer Educação do Campo e ao mesmo tempo, o pensar o homem do campo em relação com o campo. Para Coelho (2011), as práticas educativas que foram desenvolvidas nesse período contemplavam uma concepção de educação popular para o desenvolvimento do homem do campo.

Sua finalidade, efetivamente, era promover uma educação do campo de qualidade, agregada à realidade do homem do campo.

Coelho (2011, p. 137) ressalta a “educação que efetivamente desenvolva a promoção humana, de forma emancipatória e libertadora, que define o ponto de partida da prática pedagógica o homem em sua complexidade histórico-cultural, com suas contradições, ambiguidade e possibilidades”.

Essa educação é libertadora e emancipadora, pois trata de apresentar os aspectos sociohistóricos e políticos da vida no campo. Nesse contexto, ainda é possível notar que algumas práticas tentavam transformar a vida do homem do campo. Seu risco era anular a identidade do homem do campo.

Nesse período, vários são os movimentos sociais que empreendia um luta de classe em defesa do homem do campo e seu modo de vida. Esses movimentos contribuíram, efetivamente, para que a escola assumisse melhor seu papel social, segundo descreve Coelho (2011) *apud* Batista (2006):

A concepção de educação no sentido amplo de processo de construção da humanidade do ser humano e do planeta, que constrói referenciais culturais e políticas para a intervenção das pessoas e dos sujeitos sociais na realidade visando uma humanidade mais plena e feliz (COELHO, 2011, *apud* BATISTA, 2006).

Essa sua definição direciona a educação no sentido amplo, a pensar em seu papel social, assim como, de modo restrito, a Educação do Campo na construção e legitimação de sua identidade para a efetiva educação de qualidade, reconhecendo a identidade do homem do campo, suas crenças, valores, conhecimento prévio e empírico, enfim, todas suas vivências, cujo fim é bem social desse mesmo homem em sua comunidade. Ainda como ação emancipadora do homem do campo desenvolvida pela Educação do Campo, o papel social da escola deve estar baseada segundo Coelho (2011) *apud* Batista (2006, p. 23) na:

Necessidade de se implantar e difundir uma outra lógica de desenvolvimento apoiada em alternativas ambientalmente sustentáveis, socialmente e economicamente justas, centradas no desenvolvimento dos homens e mulheres, no desenvolvimento social e humano dos sujeitos do campo (COELHO, 2011, p. 138 *apud* BATISTA, 2006, p. 23).

Assim, compreende-se que a Educação do Campo não tem as mesmas características da educação regular. Ela assume outra identidade, centrada no homem do campo e na sua realidade. A Educação do Campo assume um compromisso com a lógica do homem do campo e não do mercado, promovida pelo capitalismo. Ela promove em seu currículo uma educação

voltada para a valorização e desenvolvimento do campo e da convivência do homem com esse seu ambiente de vida e trabalho.

É nesse sentido que a Educação do Campo se afirma e define-se. Ela tem por base o desenvolvimento do homem do campo e de seu meio, reconhecendo o valor de suas características e condições de produções.

A Educação do Campo encontra-se baseada no currículo que contemple e valorize o homem do campo no próprio campo, ou seja, uma educação que não anula a identidade e lugar dos sujeitos da educação. A realidade escolar da Educação do Campo contempla a importância de reconhecer e valorizar o campo como fonte de conhecimento e aprendizado. Como diz Chaves e Foschiera (2014, p. 74):

A Educação do Campo é alicerçada no Movimento Camponês, na perspectiva da construção de uma educação humana e emancipatória, articulada à vida, ao trabalho, à cultura, e aos saberes das práticas sociais dos camponeses. Ela promove a formação integral do indivíduo, de forma que valorize o local e as vivências ali desenvolvidas, considerando seus saberes como conhecimento adquirido historicamente (CHAVES E FOSCHIERA, 2014, p. 74).

A concepção da Educação do Campo encontra-se, sobretudo, na valorização do campo como fonte de conhecimento e aprendizado. Suas variantes manifestam-se na vida do trabalho, da cultura, convivência e saberes popular dos homens que nele vive e dele sobrevive, que historicamente foi sendo formados e repassado de geração a geração. Por isso, a Educação do Campo tem seu alicerce na concepção do campo como fonte para a formação de sua identidade, bem como da identidade do homem.

3 CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA

Quanto à Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade de ensino da rede pública no Brasil, com objetivo de desenvolver o ensino fundamental e médio com qualidade para pessoas que não possuem idade escolar e oportunidades. A modalidade da EJA surgiu para extinguir alguns programas entre eles: MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), Brasil Alfabetizar e a Alfabetização Solidária. Esses planos surgiram no intuito de diminuir as taxas de analfabetismo, e com isso ensinar os educandos a ler e escrever. O que difere nesses planos desta modalidade de ensino, é que a EJA oportuniza ao educando o prosseguimento nos estudos.

Nesse contexto, Soares (2005, p. 127) afirma que:

As discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos têm priorizado as seguintes temáticas: a necessidade de se estabelecer um perfil mais aprofundado do aluno; a tomada da realidade em que está inserido como ponto de partida das ações pedagógicas; o repensar de currículos, com metodologias e materiais didáticos adequados às suas necessidades; e, finalmente, a formação de professores condizente com a sua especificidade. A Conferência de Jomtien (1990) – Educação para Todos – já estabelecia como estratégia para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem de todos a exigência de conteúdos, meios e modalidades de ensino e aprendizagem apropriados a cada um (SOARES, 2005, p. 127).

De acordo com a Lei de Diretrizes de Bases: LDB nº9394/1996 regulamenta as diretrizes e bases relacionadas à Educação. Ela preconiza a Educação de Jovens e Adultos (EJA) deve ser assegurada para aqueles que não tiveram acesso ao estudo ou não condições de permanência na idade regular. Prorroga em seu Art.37 que “A Educação de Jovens e Adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Na 1ª conferência compromissos foram assumidos e foram expressos descrevendo que:

- 1º - Vincular as práticas da Educação básica do Campo como o processo de construção de um projeto popular de desenvolvimento nacional.
- 2º - Propor a viver novos valores culturais.
- 3º - Valorizar a cultura do campo.
- 4º - Fazer mobilização em vista da conquista da políticas públicas pelo direito à educação básica do campo.
- 5º - Lutar para que todo povo tenha acesso a alfabetização

- 6º - Formar educadores do campo
- 7º - Produzir uma proposta da educação básica do campo
- 8º - Envolver as comunidades nesse processo.
- 9º - acreditar na nossa capacidade de construir o novo.
- 10º - Implementar as propostas e a ação dessas conferencia.

O sistema de ensino assegura gratuitamente a jovens e aos adultos que não poderão efetuar os estudos na idade regular. Oportunidade apropriada, considerando as características do aluno, seus interesses, condições de vida e de trabalho mediante cursos e exames. Como o próprio Jamil Cury (2002) destaca:

[...] a importância da lei não é identificada e reconhecida como um instrumento linear ou mecânico de realização de direitos sociais. Ela acompanha o desenvolvimento contextualizado da cidadania em todos os países. A sua importância nasce do caráter contraditório que a acompanha: nela sempre reside uma dimensão de luta (CURY, 2002, p. 247).

A história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil está muito ligada à Paulo Freire. Para Freire não há saber mais ou menos, há saberes diferentes (1987: p.68). Defensor do saber popular e conscientização para participação, Paulo Freire expirou muitos movimentos sociais que lutavam em busca da iniquidade social, as primícias de Freire motivam até hoje ações da sociedade civil em prol da definitivação da cidadania. O mais celebre educador brasileiro com atuação e reconhecimento internacional, conhecido principalmente pelo seu método de alfabetização de adultos que leva seu nome. Desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político, para ele o objetivo maior da Educação é conscientizar o aluno principalmente em relação as parcelas da população desfavorecidas.

A Educação Freiriana está voltada para conscientização de vencer primeiro o analfabetismo político, para que simultaneamente possa ler o seu mundo a partir de sua experiência de sua cultura e de sua história percebe-se como oprimido e liberta-se dessa condição e a primícias que Paulo Freire defende.

A maior dificuldade encontrada nos alunos foi o cansaço que eles trazem consigo, pois muitos trabalham durante todo o dia e não tem tempo para se dedicarem aos estudos como deveria ser como também a diferenças de idades (na maioria jovem), elaboração de um conteúdo que atendesse a todos, etc.

O aluno da Educação de Jovens e Adultos - EJA são na maioria indivíduos com um histórico familiar bastante sofrido, são pessoas de baixa renda, que não tiveram oportunidade ou até mesmo acesso a aprendizagem na fase adequada a sua idade abandonando a sala de aula,

mulheres que tiveram filho e desistiram, ou aqueles os que desistiram para trabalhar e ajudar na renda familiar, adolescentes repetentes, dificuldades de deslocamento, falta de estrutura física da escola.

Os jovens e adultos trabalhadores batalham para superar suas condições de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego e outros afazeres,) o que muitas vezes acarreta na evasão escolar perdendo o interesse pela escola ou até mesmo sem condições de frequentá-la proporcionando um índice maior de analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as más condições de vida comprometem os seus processos de alfabetização. O analfabetismo é a expressão de pobreza, consequência inevitável de uma estrutura social injusta.

Existem ainda os jovens que não tem um apoio familiar que lhe de um suporte e acompanhe em todo seu processo de aprendizagem, acontecendo uma distância entre pais e escola. A falta de interesse por parte dos alunos em relação ao conteúdo abordado em sala de aula fazendo com que não desenvolva seu aprendizado pelo que vem sendo transmitido pelo educador. Assim, atrasando cada vez mais o ensino tradicional.

Com base nos Censos Escolares, mostram que cada vez mais jovens estão ingressando na Educação de Jovens e Adultos – EJA, em 2010 foram 565 mil estudantes, contra 558 mil em 2004. Essa situação tem se destacado entre os especialistas da área. O que faz com esses estudantes estão frequentando a modalidade (EJA), ao invés de estar na Educação básica regular.

4 O PERFIL DA ESCOLA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio César de Carvalho, situada no Sítio Aurora, endereço: SITIO NOVA AURORA, S/N-ZONA RURAL, da cidade de Pedras de Fogo-PB. Ela foi fundada entre 1992 e 1993 pelo prefeito constitucional Luiz Francisco de Vasconcelos. Sua estrutura física é pequena mais bem conservada. Possui duas salas de aulas, uma diretoria, quatro banheiros, uma cozinha e área de recreação. A área externa da escola apesar de ter um grande espaço, a parte construída é pequena.

FIGURA 1 – A Faixada da escola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2019.

A escola está localizada numa área rural na qual há três casas em seu torno, porém há várias casas em sua proximidade, inclusive uma associação dos trabalhadores. A escola fica localizada próxima à rodovia PB 030.

Atualmente a escola não desenvolve nenhum projeto que contemple à Educação do Campo em sua essência, mas há alguns programas como: o *Soma Paraíba, Saber e mais alfabetização*. Em relação ao seu projeto político pedagógico foi atualizado apenas em 2004.

FIGURA 2 – Espaço amplo/Lazer



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2019.

Na escola sempre é oferecida merenda, obedecendo a um cardápio nutricional, supervisionada por duas nutricionistas, lotada na Secretaria de Educação do município. Em relação aos seus equipamentos, ela dispõe de dois televisores, dois DVDs, e alguns computadores, impressora e outros equipamentos.

FIGURA 3 – A cantina da escola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2019.

Quadro 1 – Distribuição dos funcionários

Cargo/função	Quantidade de pessoas
Diretor	1
Auxiliar administrativo	1
Serviços gerais/	2
Merendeira	2
Professores Efetivos	2
Professores contratados	4
Vigilante	1

Fonte: Construção da pesquisadora.

De acordo com a diretora da escola, todos os professores possuem nível superior e em seu conselho escolar, os seus membros são da comunidade local e escolar. Entre eles estão os

professores, pais, funcionários da escola e membros da comunidade. Em relação ao quantitativo dos alunos há 108 matriculados, distribuídos da seguinte forma:

Quadro 2 – Quantitativo de alunos e modalidade

Modalidade	Quantidade/ Turno
Educação Infantil	19 alunos: Manhã
1º e 2º ano do Ens. Fundamental (multisseriadas)	16 alunos: Manhã
3ª ano Ens. Fundamental	15 alunos: Tarde
4º e 5º ano do Ensino Fundamental (multisseriadas)	16 alunos: tarde
EJA 1º segmento	19 alunos: noite
EJA 3º e 4º série	22 alunos: noite
Total	107

Fonte: Construção da pesquisadora.

A escola funciona em dois turnos: um diurno e outro noturno. As aulas no período da manhã iniciam, às 7h: 30 e vai até às 11h: 30 e no período da tarde inicia-se às 12h: 30 e vai até às 16h: 30. Esse horário corresponde a uma realidade diferente das escolas da zona urbana, pois começa mais cedo por causa da distância percorrida pelos alunos e deslocamentos dos professores, visto que eles moram na zona urbana. No horário da noite, a aula inicia de 18h: 30 e termina às 21h: 30 com a modalidade da EJA.

A comunidade e os pais dos alunos estão sempre presentes na escola, através de reuniões, dias festivos, entre outro momento em que a escola proporciona. Eles são presentes buscando participar das atividades da escola, de seus eventos e da vida de seus alunos.

Em relação ao transporte escolar, os alunos os utilizam, porém, os que moram próximos à escola vão a pé, bicicleta e moto. O transporte funciona nos turnos da manhã, tarde e noite, buscando contribuir para a permanência e frequência dos alunos que moram longe da escola.

A observação foi realizada com a ajuda da professora da turma da EJA 1ºsegmento, no turno da noite. Ela demonstrou bastante solícita com a conversação com a turma junta comigo, foi um bate-papo de modo informal e os alunos contribuíram bastante para o desenvolvimento desse trabalho.

5 PERFIL DO ALUNADO DA EJA NA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ANTÔNIO CÉSAR DE CARVALHO

A observação a respeito do perfil dos sujeitos da EJA é de fundamental importância para um ensino de qualidade. Entre os docentes que passam a atuar na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, é oculto a hesitação no que se refere às individualidade, o que há de diferente nas classes de jovens e adultos.

São no total de 41 alunos matriculado na modalidade da Educação de Jovens e adultos que frequentam a escolas Municipal de Ensino Fundamental Antônio César de Carvalho, sendo que o maior número são do sexo masculino e agricultores ou de origem de famílias que trabalham na agricultura, casados e tem filhos, residem na zona rural do município ou nos bairros são muitos que abandonaram os estudos para ajudar seus familiares no sustento da casa. Alguns dos discentes são aposentados. A grande maioria são alunos que participaram de consecutivas reprovações nas escolas públicas municipais “ensino regulares” e com isso foram obrigados a cursar a EJA para poder conseguir concluir o Ensino Fundamental ou Ensino Médio.

No entanto a grande maioria desses educando tem idade avançada, pois praticamente foram expulsos do ensino regular por estarem “fora de faixa” (distorção idade/série) . Todos esses pontos de discriminação sofrido ao longo de sua vida escolar colabora para enfraquecer e fragilizar ainda mais os alunos egressos da EJA, perdendo com isso o interesse pelo os estudos. Uma característica do educando é a sua baixo autoestima, muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar. A sua eventual passagem pela escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão e/ou pelo insucesso escolar.

Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse aluno volta à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimento de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem. (COSTA, ÁLVARES & BARRETO, 2006 p.16)

A Educação de Jovens e Adultos representa para muitos indivíduos a possibilidade de retomar os estudos, de buscar recuperar o tempo perdido devido falta de acesso à escola pelos mais variados motivos. Assim a qualquer custo tenta aprender a ler e escrever, pois numa sociedade em que ser analfabeto é sinônimo de miséria, de incapaz, de pessoa indigna de conseguir qualquer coisa na vida, principalmente no que se refere aos bens materiais, ser alfabetizado representa um grande feito, de valorização, de dignidade.

Observar o comportamento desse sujeito com o processo educativo é bastante fundamental para que haja de fato, um modelo diferenciado que se adegue a vontade desta modalidade de ensino. Prado e Reis (2012, p. 2), evidenciam a importância de refletirmos sobre este tema. Isto possibilita debater as questões da EJA a partir de uma representação mais harmônica com a realidade desses sujeitos, com as suas características e necessidades.

Talvez Por isso a grande maioria desses educando seja composta de indivíduos que povoam os bairros pobres das cidades e dos campos agrícolas e ver na escola a possibilidade de não mais pertencer a esse número de analfabetos considerado vergonhoso por parte da população. Os homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos que buscam a escola pertencem todos a uma mesma classe social: são pessoas com baixo poder aquisitivo, que sobrevivem de modo geral, apenas o básico a sua sobrevivência: aluguel, água, luz, alimentação (quando os têm). O lazer fica por conta dos encontros com as famílias ou dos festejos e eventos das comunidades as quais participam, ligados, muitas vezes, as igrejas ou associações. Quase sempre seus pais têm ou tiveram uma escolaridade inferior à sua (COSTA, ÁLVARES & BARRETO, 2006 p.15).

Essa visão que compõe uma classe excluída socialmente representa a grande maioria dos alunos da Educação de Jovens e Adultos do interior nordestino. Obviamente também os que frequentam as escolas Municipal de Ensino Fundamental Antônio César de Carvalho que embora possua suas particularidades traz em si um traço comum a todas as outras que retrata a miséria acumulada em anos de exclusão econômica, política, social e de negação as diferentes culturas dessa população marginalizados.

Na escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio César de Carvalho a maioria são adultos com poucas perspectivas, que não mais acreditam na educação e que somente vão à escola devido a pressões da sociedade que cada vez mais vem se globalizando com o avanço tecnológico, a necessidade de se ver independente de poder resolver situação do cotidiano, como por exemplo: sacar sua aposentadoria, pegar um ônibus. Esses alunos compreendem o sentido da educação para que serve a escola e que por isso respeitam suas regras, valorizando os professores. Os alunos da EJA possuem uma certa maturidade, pelo fato de já terem passado pela escola e geralmente possuem uma vasta experiência de vida, corroborando com esta realidade Costa, Álvares & Barreto (2006) ressaltam que:

Os alunos e alunas da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão

espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa (COSTA, ÁLVARES & BARRETO, 2006, p. 5).

Com base na afirmação que tomamos como referência dos autores, o perfil dos alunos que encontramos nas escolas Municipal de Ensino Fundamental Antônio César de Carvalho, pois como já foi dito, são adultos que apresentam bastante interesse pelos estudos e que possuem bastante maturidade para entender que a escola pode significar uma porta para um novo saber, abrindo sua visão para novos horizontes. Além das dificuldades presente à Educação de Jovens e Adultos, como material didática, qualificação adequada e continuada aos professores, salários dignos e acompanhamento pedagógico por parte da escola, os educandos dessa modalidade demonstram motivação pelos estudos, o que contribui para superar as dificuldades de aprendizagens, marca que os alunos carregam desde os primeiros anos de sua escolarização.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se diante da presente pesquisa que os alunos inseridos na escola do campo na educação de jovens e adultos demonstram o perfil característico desta modalidade de ensino. Assim, os sujeitos que se beneficiam da Educação de jovens e adultos (EJA) no campo, desejam qualificação através dos estudos para a transformação da vida pessoal. Alunos que dão mais importância aos estudos mesmo na condição e necessidade de trabalhar.

Esta observação a respeito do perfil do aluno EJA através dos relatos, percebi que a principal motivação que fez com que os alunos voltassem a estudar é a necessidade de resolver situações corriqueiras do dia a dia, ler um rótulo de alimento, fazer uma receita (culinária), tirar carteira de moto. O que mais foi repetido na conversa/entrevista foi a vontade de aprender a ler e a escrever sozinho. Apesar de mesmo estudando em uma metodologia que não lhe traga ao seu cotidiano, com algumas condições desfavoráveis, com formação inadequada dos professores, os alunos mesmo assim ainda tem muita vontade de continuar estudando.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel; FERNANDES, B. M. **A educação básica e o movimento social do campo**. São Paulo: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.

BATISTA, M. Socorro Xavier. **Educação escolar no campo**: desafios e possibilidades nas classes multisseriadas. Anais VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária, VII Simpósio Nacional de Geografia Agrária, I Jornada de geografia das águas. João Pessoa, 2013.

BEREMBLUM, Andrea Sonia; (Org.). **Educação: diálogos do cotidiano**, 1ªed. Rio de Janeiro: Outras Letras, v. 1, 2011.

BRASIL, **Conselho Nacional de Educação**. Parecer 2002.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil, 1988**.

CALDART, Roseli Salete. **Por uma educação do campo**: traços de uma identidade em construção. In: \ARROYO M., CALDART, R. & MOLINA. M (org.). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

CAMACHO, R. S. A Geografia no contexto da educação do campo. **In. Revista Percurso – NEMO**. Maringá, v.3, n.2, p. 25 – 40, 2011. ISSN: 2177-3300 (on-line).

CHAVES, Kênia Matos da Silva; FOSCHIERA, Atamis Antonio. **Práticas da Educação do Campo no Brasil: Escola família agrícola, casa familiar rural e Escola Itinerante**. Revista Pegada, vol. 15, n.2, dezembro/2014.

COELHO, Leila Rocha Sarmiento. A função Social da Escola na Educação do Campo. **In. Revista Lugares da Educação**. Bananeiras, PB, v.1, n.2, p. 136 – 149, jul/dez, 2011.

COSTA, Antônio Cláudio Moreira. **Práticas pedagógicas em escolas no campo**: constatações, análises e proposições. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

COSTA, Elisabete; ÁLVARES, Sonia Carbonell; BARRETO, Vera. **Alunos e Alunas da EJA. Trabalho com educação de jovens e adultos**. Brasília, 2006.

CURY. C. R. J. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 247, 2002.

GADOTTI, Moacir. **Educação de Jovens e Adultos: Um cenário possível para o Brasil**. Acessado em 18 de janeiro de 2008.

JESUS, Adriana do Carmo; SANTOS, Maria Cristina Bezerra. **Organização do trabalho pedagógico em escolas do campo: limites e possibilidades**. Revista Linhas, Florianópolis, v. 17, n.33, p. 238-260, jan./abr. 2016.

_____. **Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996.

MANFIO, Elisandra; PACHECO, Luci Mary Duso. **Um olhar sobre a formação do professor no cenário atual da educação do campo**. Pedagogia em Questão. Frederico Westphalen, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Departamento de Ciências Humanas, Curso de Pedagogia, vol. 3 e 4, n° 3 e 4, 85-107, URI, 2006.

RIBEIRO, M. Educação Rural. (Org.) **In. Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

ROCHA, Eliene Novaes. PASSOS, Joana Célia dos. CARVALHO, Raquel Alves de. **Texto Base Educação do Campo: um olhar panorâmico**. II Conferência Nacional de Educação do Campo. Luziânia- GO, 2004.

RIBEIRO, M. Desafios postos à educação do campo. **In. Revista HISTEDBR – On Line**. Campinas, n. 50 (especial), p. 150- 171, mai. 2013 – ISSN: 1676 – 258 123.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. – 23.ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, M. **Letramento: Um tema em três gêneros**. 2. Ed. 11. reimpr. Belo Horizonte: Autentica, 2005

SOUZA, Maria Antônia de; SANTOS, Fernando Henrique Tisque dos. Educação do campo: prática do professor em classe multisseriada. *Diálogo Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 217-233, set./dez. 2007.

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: Ibopec, 2007.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PINTO, Álvaro Vieira sete lições sobre educação de adultos/ introdução e entrevista de Dermeval Saviani e Betty Antunes de oliveira: versão final revista pelo autor. – 15° ed. São Paulo: Cortez, 2007.

WEIDUSCHAT, Iris. Didática e avaliação. Associação Educacional Leonardo da Vinci (ASSELVI). – Indaial: Ed. ASSELVI, 2007, 2. ed.

